

V dom. Quaresma – C

Is 43,16-21; Fl 3,8-14; Jo 8,1-11

As leituras de hoje pedem-nos que olhemos para a frente, não para trás, que aceitemos ser lançados no futuro, abandonando o passado. E de que forma o fazem?

Primeiramente, o profeta Isaías afiança-nos que Deus não operou maravilhas apenas nos tempos de outrora, mas está atento à situação presente do povo e voltará a libertá-lo das muitas opressões em que sucessivamente vai caindo e nas quais vai sofrendo. Então, não há que ser pessimista e olhar apenas para o que está mal. O realismo pode e deve desembocar na esperança. E não é isso o que justamente ensina a páscoa/ressurreição?

S. Paulo, na carta aos Filipenses, recorda a sua vida passada... mas, de consciência tranquila, olha mais para o futuro e para o encontro definitivo com Deus. Nós, cristãos, não podemos iludir a morte – assim como qualquer pessoa. Quando vivemos com gosto e com sentido, custa pensar na morte... Mas Deus promete a ressurreição, a vida eterna.

No trecho do evangelho (Jo 8), a propósito do caso da mulher adúltera, certamente que podemos e devemos falar da misericórdia de Jesus (que perdoa e salva, que não condena) e de como Ele sempre pôs as pessoas à frente das leis ou costumes culturais. Mas temos também a temática das duas primeiras leituras: Jesus pede à mulher que deixe o seu passado de pecado e pede aos homens que a perseguiram que deixem também os seus instintos justiceiros e se convertam. Jesus, afinal, abre novos horizontes de vida, de vida futura verdadeiramente nova, tanto à mulher como aos que implacavelmente a condenavam.

Como não ver aqui, também, uma metáfora sobre a necessidade de conversão da humanidade face a toda a obra da criação? O nosso passado, lembra a *Laudato Si'*, é de grande «pecado»: poluição, resíduos perigosos, cultura do descartável (LS 20-26); recursos limitados da água e os pobres que mais sofrem (morte, doenças) com a sua falta ou a sua pouca qualidade (LS 27-31); perda da biodiversidade: florestas que desaparecem, espécies animais que se extinguem (LS 32-42); deterioração da qualidade de vida humana e degradação social – crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades, exclusão social, desigualdade no fornecimento e consumo de energia, aumento de violência, agressividade social, narcotráfico, perda de identidade (LS 44-46); grande desigualdade planetária: «os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres» (LS 48)... Ora, «estas situações provocam os gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo. Nunca maltratámos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Mas somos chamados a tornar-nos os instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projecto de paz, beleza e plenitude» (LS 53).

José Nunes, OP